

## LIDERANÇAS

O quadro de conflitos e incertezas do mundo de hoje se ressentem de uma gritante carência de lideranças políticas de força moral. Obama deixou estiar sua esperanzosa presença e Bernie Sanders não logrou se afirmar: o quadro político nos EE UU é desolador.

Na Europa em dissolução, Cameron se demitiu junto com o seu país; Merkel e Putin mantêm suas expressões de força local mas sem nenhuma irradiação; a liderança do Syriza na Grécia esvaziou-se e a do Podemos espanhol ainda não cresceu. Hollande se perdeu e a única novidade expressiva é Sadiq Kahn, o novo prefeito de Londres, paquistanês muçulmano. Na Ásia, a China e a Índia crescem significativamente como nações mas com lideranças colegiadas. E na África ninguém desponta depois de Mandela.

Resta a América do Sul, atacada pelos golpes da CIA, sentidos por nós aqui e revelados com clareza na Alemanha pelo historiador Moniz Bandeira. É o continente que viu crescer novas e importantes lideranças libertadoras neste novo século, algumas das quais ainda preservadas apesar do desgaste. Lula, fortemente assediado, é ainda o de maior grandeza, e por isto mesmo o alvo principal da CIA. Pepe Mujica, o mais respeitado e querido, intocado, tem uma base nacional relativamente pequena para projetá-lo além dela. E Evo Morales, mais consistente do que o equatoriano Raphael Correa, prossegue como exemplo de autenticidade na liderança do seu povo original.

A América do Sul é ainda uma expressão de novos caminhos políticos, mesmo depois da derrubada golpista no Brasil, não consolidada. O acordo de paz firmado pelo governo da Colômbia com a guerrilha das FARC é um marco exemplar de entendimento político digno de festejos continentais. Por tudo isto, a missão política mais importante do mundo de hoje, a meu juízo, é reorganizar as forças da socialdemocracia sulamericana, esperança de renovação no mundo deteriorado pelo realismo cínico do grande capital.

A esperança maior, todavia, a mais luminosa e efetivamente promissora, não é política, é eminentemente espiritual, uma dimensão humana que o capital despreza na busca da eficácia. Refiro-me ao Papa Francisco, a figura maior de todas, a liderança de longe mais expressiva e acatada em todo o mundo.

É um chefe religioso e não pode fazer política. Mas pode inspirar movimentos políticos, pela linha ética, igualitária, humanística e preservacionista do seu pensamento e da sua pregação. É o Papa, sim, de todos os católicos do mundo; mas é argentino e este fato tem um significado muito grande para nós sulamericanos. É uma luz de clarividência que, pelas nossas circunstâncias especiais -- um continente de renda mediana, equidistante entre o poderio material do capital e a paralisia da miséria esterilizante -- nos abre claridades convocatórias de uma ação política promissora, potencialmente realizadora do grande diálogo mundial do desenvolvimento humanístico, democrático e preservacionista.

O diálogo, uma vez retomado com vigor entre os grupos renovadores da América do Sul, deveria buscar o mundo, e poderia bem iniciar esta ampliação pelos dois países ibéricos, Portugal e Espanha, por óbvias razões históricas e culturais, mas também por motivos que decorrem da mesma situação de distanciamento de seus níveis de produtividade econômica em relação tanto às nações mais ricas quanto às mais pobres do mundo.

Em seguida, os países africanos de língua portuguesa, Moçambique e Angola principalmente, e possivelmente a África do Sul, seriam outros participantes deste esforço de renovação política do mundo, congregando nações de renda média, a partir da iniciativa sulamericana.

É um sonho que vale a pena sonhar.

---

**Roberto Saturnino Braga**

rsaturninobraga@gmail.com  
www.saturninobraga.com.br